

**“O PAROARA”: HISTÓRIA E FICÇÃO, UM MIGRANTE CEARENSE
DURANTE O PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA (1860-1912)¹**

Érika Francelino Vieira²

Resumo

História e Literatura se assemelham na intenção de relatar um acontecimento, diferenciando-se entre realidade e ficção. Nesse trabalho, busca-se, através da análise do livro “O Paroara” do escritor radicado cearense Rodolfo Teófilo, compreender como o texto literário representa a realidade do migrante cearense para o Acre no período do primeiro ciclo da borracha. E até onde se pode utilizar da Literatura, nos gêneros que buscam representar a realidade, como fonte histórica. Em primeiro momento, são analisadas as relações entre História e Literatura, apresentado um resumo da obra “O Paroara”, uma breve biografia de Rodolfo Teófilo, a contextualização histórica do primeiro ciclo da borracha, a explicitação dos gêneros literários do livro. Por fim a comparação da narrativa do romance com a historiografia acerca do período proposto.

Palavras-chaves: borracha, Amazônia, cearense, paroara

**THE PAROARA: HISTORY AND FICTION, A CEARÁ MIGRANT
DURING THE FIRST RUBBER CYCLE (1860-1912)³**

Abstract

History and literature are similar in intention to relate an event, differentiating between reality and fiction. In this work, we seek, through the analysis of the book “O Paroara” by the Cearense-based writer Rodolfo Teófilo, to understand how the literary text represents the reality of the Ceará migrant to Acre in the period of the first rubber cycle. And as far as you can use Literature, the genres

¹ Extrato do relatório final de pesquisa de bolsista do PIBIC junto a Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, pesquisa realizada sob a orientação do prof. dr. Dante Ribeiro da Fonseca.

² Acadêmica do Curso de História da Fundação Universidade de Rondônia - UNIR

³ Extract of the final report of the PIBIC scholarship researcher from the Federal University of Rondônia Foundation - UNIR, research conducted under the guidance of prof. dr. Dante Ribeiro da Fonseca.

they seek actually display as a historical source. At first, they are analyzed as relations between History and Literature, reported as a summary of “O Paroara”, a brief biography of Rodolfo Teófilo, a historical contextualization of the first cycle of rubber, an explanation of the book's literary genres and finally an analysis, the narrative of the novel with a historiography of the proposed period.

Keywords: rubber, Amazon, cearense, paroara

Introdução

A História pode ser compreendida como representação do passado na medida em que essa compreensão pode ser estendida às suas fontes documentais conforme propõe George Duby em sua “História Cultural” (1990), uma vez que essa vertente estuda [...] *os mecanismos de produção dos objetos culturais* [...], sendo um desses objetos as obras literárias. Tomando qualquer documento de natureza literária ou histórica como monumento, Le Goff (1990) aponta a necessidade de conhecer todo o contexto histórico-social sobre o qual esse monumento foi construído, sua linguagem e intencionalidade, além da importância das relações de poder em volta do mesmo.

Chartier (2009) se refere a todo documento, literário ou de qualquer outro tipo, como uma representação da realidade. Há que se respeitar, contudo, as diferenças impostas pelos parâmetros narrativos de cada gênero. No caso da produção literária utilizada como fonte histórica, devemos inquirir sobre o reconhecimento do seu gênero literário, assim o como do contexto histórico no qual o autor escreveu a obra e, assim, também a linguagem utilizada.

Uma das bases históricas do romance “O Paroara” é a Amazônia durante o chamado I Ciclo da Borracha, mais precisamente o Acre, terra para onde foi encaminhada grande parte dos nordestinos que migraram em busca da riqueza produzida pela goma elástica, particularmente a partir de 1877. A razão pela qual o romance é escrito no Ceará, sendo seus personagens principais cearenses, também não é resultado do capricho ficcional do autor e encontra dois marcadores: o livro, não por acaso, é escrito e publicado no Ceará, e aqueles que com o personagem João das Neves migram para a Amazônia são, em sua

grande maioria, cearenses. Ficção e História se encontram, na medida em que as secas que assolaram o Nordeste a partir do ano de 1877 foram particularmente severas no Ceará, provocando grande migração naquela província. Outro marcador, dentre muitos que podemos encontrar no romance, é que João das Neves é personagem mestiço, como a grande maioria de seus conterrâneos. E é a mestiçagem do cearense que é a base, através da população cabocla acreana.

Destarte, a história do Primeiro Ciclo da Borracha e a grande migração nordestina para a Amazônia encontram-se nos marcadores literários dessa obra de ficção. Nesse particular, o romance está centrado em um capítulo importante da História da Formação das Populações Amazônicas, a saber: o caboclo acreano, que surge enquanto população a partir fenômeno histórico. Também, é cabível perceber as determinações do universo cultural, e porventura da biografia do autor, na escrita do romance, não apenas como idiossincrasia, mas como aspectos da representação sob a forma literária.

Podemos então, a priori, propor a seguinte estrutura de análise:

- a) O autor: o contexto histórico-social em que se insere, sua influência e relação com o meio literário, seus interesses sociais, em suma, de onde ele fala.
- b) O gênero literário: o tipo de narrativa e de linguagem desse gênero, a forma com que ele representa a realidade, quem ele busca representar, quais seus maiores representantes.
- c) A obra: historicizar os pontos de diálogo com a História, esclarecer a forma que o texto representa essa realidade, quais os elementos do imaginário, culturais e da memória são expostos, e por fim relacionar esse aparato de informações à formação das populações amazônicas.

Propõe-se então relacionar esses elementos de análise, já que o autor, o gênero literário e a História são dependentes um do outro para transmitir a mensagem final.

História e Literatura

A História é uma representação do passado e as suas fontes documentais também o são. Tomando como representação o que é apresentado pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento temos que:

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que coloca uma ausência e torna sensível uma presença. [...] A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (2004, p. 21)

Colocamos a História Cultural de Duby (1990) em primeiro plano, uma vez que essa vertente estuda [...] *os mecanismos de produção dos objetos culturais* [...], sendo um desses objetos as obras literárias. As narrativas históricas e literárias são representações da realidade que através da escrita, da linguagem e da leitura devem alcançar o público. A produção de conhecimento histórico como uma narrativa, deve ter como tríade a escrita (sobre quem fala, de onde fala, qual linguagem usa), o texto (o que fala, com quem fala), e a leitura (escrever de forma a suprir as expectativas do público alvo), considero válida, já que em uma narrativa histórica a definição desses pontos é indispensável.

Tomando o documento como monumento de Le Goff, o autor aponta a necessidade de conhecer todo o contexto histórico-social sobre o qual esse monumento foi construído, sua linguagem e intencionalidade, além da importância das relações de poder em volta do mesmo. Citando Chartier, todo documento, literário ou de qualquer outro tipo, é uma representação da realidade sob as medidas de cada gênero literário em que está inserido. No uso de uma produção literária como fonte histórica o reconhecimento desse gênero, o contexto histórico do autor e da obra, a linguagem utilizada, são passos para estabelecer o diálogo da obra com a realidade.

A representação de determinadas realidades culturais é marcada por diferentes interesses sociais, cabe ao historiador descobrir qual é esse interesse. É necessário saber sobre qual lente o autor da obra, nesse caso literária, percebe o Mundo e qual a mensagem ele pretende transmitir, tendo em vista que todo

produtor literário tem uma posição em relação à sociedade pré-definida e pretende passar essa posição através de suas obras.

A expressão literária é vista como uma forma de representação histórica e social, além de testemunha de sua época, carregada de significados. Passa pelo filtro cultural sob qual foi escrita, tendo formas peculiares de aproximação com a realidade, que entendo como os gêneros literários, apesar disso, ela é fonte própria para a História da Literatura.

Não há problemas na distinção entre História e Ficção, a História é a representação do real que já foi e não é mais e a Ficção é um discurso que “informa” sobre o real sem se abonar nele. Como exemplos têm os filmes atuais que se ambientam nas eras passadas como o mundo medieval e antigo, há uma representação desse mundo, mas sem compromisso com a “verdade” histórica. Dessa forma é preciso uma análise da escola literária do autor da obra tomada como fonte para definir como essa apresenta a realidade de forma verídica e verossimilhante.

É necessária então uma ponderação nas relações entre História e Literatura, a saber:

Se formos pensar as relações que se estabelecem entre o discurso e o real – ou da representação com o seu referente –, vemos que elas podem se dar por aproximação com as figuras da literatura. Isso não implica um endosso indiscriminado de um *linguistic turn*, nem uma revalidação, *in toctum*, das posturas de Hayden White, que apaga as distinções entre a História e a Literatura. Talvez mesmo seja preciso a História recusar a afirmação de Roland Barthes quando fala da única realidade como aquela construída pelo discurso. Mas todas essas considerações representam, isso sim, um exercício de reflexão para entender as relações possíveis entre a representação narrativa e o seu referente, questão esta central para a História Cultural (PESAVENTO, 2004).

Ou seja, para a História, além do referente há um referido, que limita, controla e valida a ação do primeiro, impedindo que ela se torne simplesmente discurso. O mesmo ocorre em menor escala na literatura, que também possui algum grau de relação com o referido, sob pena de tornar-se ininteligível. As questões metodológicas se aplicam a qualquer fonte documental como apontado por Pasavento e Bosi que refletem a necessidade de analisar a obra através do tempo no qual foi escrito, e de Candido de abordar tanto o intrínseco da obra

como o extrínseco. A produção literária é rica em cultura, imaginário e memória, é preciso extrair do texto todo esse valor cultural, problematizá-lo e historicizá-lo. Não que seja uma tarefa fácil para o historiador, muito pelo contrário, é um trabalho de aproximar e reunir informações geralmente por partes de forma a reconstituir o ambiente da obra.

Resumo da obra

O romance de Rodolpho Theophilo narra como se dá a jornada do cearense João das Neves rumo ao Acre no final do século XIX cujo objetivo é enriquecer nos seringais.

Abandonado aos 10 anos pela família, cujo destino foi a Amazônia, cresceu de fazenda em fazenda sobrevivendo de seu trabalho. João das Neves procura por uma esposa na Festa do Galo, lá se depara com Chiquinha, mulher forte, que fora abrigada por Padre Mourão. Os dois se casam e seguem a vida como um típico casal cearense da época: trabalhando e gerando filhos. Começam então a lavrar a terra, só faltava a chuva para plantar, a chuva veio seguida da chuva necessária para colher. Tudo corria como planejado, porém, uma praga assolou a plantação de João das Neves. Há uma segunda tentativa de plantação, no entanto, a seca causa a morte de praticamente todo o roçado. Indignado, João das Neves roga à Deus misericórdia.

Eis que chega à vila José Simão, um paroara muito rico. Aproveita assim para começar a agenciar seringueiros. Pinta a paisagem de uma Amazônia paradisíaca, onde nada falta e o dinheiro jorra literalmente de uma árvore. João das Neves, entre outros, fica maravilhado com a abundância dessa tão bem falada terra e logo se alista para ir com ele.

Chegando à Fortaleza aguarda embarque para Belém na Hospedaria Central juntamente com os outros esperançosos. Segue viagem no navio Lloyd Brasileiro. O navio que poderia suportar 200 pessoas partiu com 1000, além de toda bagagem e dos animais a bordo. Após cinco dias de viagem chegam ao porto de Belém pela baía de Guajará. Seguem no mesmo navio de Belém para Manaus. Chegando ao porto de Manaus todos se encontram em sério estado de fome. Durante esse traslado vão surgindo as dúvidas sobre a verdade daquele

Eldorado. Todos da leva de José Simão vão para a Hospedaria Cearense, onde são contados e acomodados para logo partir para o destino final.

Saindo de Manaus em direção ao rio Acre, passam pelos rios Negro, Solimões e Purus. Finalmente chegam ao barracão Deus te Ajude. O dono desse barracão era Bernardo das Ipueiras. Logo trata com José Simão a dívida dos mais novos seringueiros de seu seringal. Seguem primeiro para o seringal Centro da Felicidade onde ficam impressionados com a quantidade de árvores para exploração. Nesse ínterim, contudo, a visão paradisíaca da Amazônia foi se desconstruindo. Os brabos iam se enturmando aos poucos e cada vez mais esperançosos em ficarem ricos. São informados do quanto devem para o dono do seringal, todavia, o analfabetismo de todos não deixa claro o motivo do valor exorbitante. Em seguida vão, através do Igarapé da Anta, para o seu destino final, o centro de Bom Futuro. O encarregado desse centro era o boliviano Salvatierra, que era também autoritário. João das Neves e os demais se acomodam e lhes é passado todo o aparato para sobreviver no seringal. Há um medo constante de animais selvagens e indígenas. Joaquim dos Cocos, um manso (já habituado à vida no seringal), ensina a função de extração e defumação do leite da seringueira, e os alerta sobre os perigos e as misérias do seringal como: doenças, padrões abusivos e as dívidas com juros. Os dias de trabalho nos seringais eram extremamente cansativos. Exposto às pragas, queimaduras e desidratação João das Neves, com o passar do tempo, sente arrependimento pelo abandono da terra e da família. Percebe que a opção para subsistência é apenas o trabalho, sendo este seu bem mais precioso. Com o frio, a malária e angustia se tornam cada vez mais notáveis. A malária debilita cada dia mais João das Neves, mesmo assim ele corta as 150 seringueiras diárias.

Vem então quatro meses de um chuvoso inverno, sem dinheiro o suficiente para visitar a família, João e Pedro permanecem no seringal e ficam com o árduo trabalho de transporte de borracha.

Após dois anos de muito trabalho carregado de doença e exploração João das Neves parte de volta para casa levando consigo 200 mil reis. Chegando à estação de Baturité vê quantas pessoas ainda eram enganadas por paroaras e seguiam para a Amazônia com o sonho de enriquecer. Percebe também a grande quantidade de pessoas nas ruas. João parte então para Quixeramobim de onde

sua casa não ficava distante mais que 15 léguas. Chiquinha e os quatro filhos foram terrivelmente afetados pela fome. Chiquinha fez o que pode para saciar os filhos, colhendo raízes e frutos, preparando armadilhas para qualquer animal que nelas caíssem. Contava também com a ajuda de padre Mourão, porém foi inevitável o vício em comer terra se impor aos seus filhos e a ela também. Após bastante sofrimento os seus quatro filhos vieram a falecer na mesma semana. Completamente abatida pela fome e pelas doenças Chiquinha anseia pela morte. Ao seu lado padre Mourão serve como conforto e consolo. João das Neves chega a casa e percebendo o silêncio e o vazio sente a pior sensação que um ser humano pode sentir. Ao avistar Chiquinha naquele estado sente um remorso inexplicável. Nos últimos suspiros de Chiquinha João a pergunta onde estão seus filhos e ouve que morreram todos de fome. Doente, sem dinheiro e perseguido pelo um fantasma de filicídio, João das Neves segue o resto de sua vida amargurado pelas últimas palavras de Chiquinha.

Rodolfo Teófilo: vida e obra

Rodolfo Marcos Teófilo nasceu em Salvador, estado da Bahia, no dia 6 de maio de 1853, bisneto e filho de médicos. Seus pais eram cearenses, porém ele nasceu na Bahia devido a uma contingência. Ficou órfão em 1864 quando seu pai morreu vítima de beribéri, sua mãe tinha morrido em 1857. Porém não ficou desamparado. Ficou sob a guarda de sua madrasta junto com seus irmãos. Posteriormente seu padrinho, Antônio da Costa e Silva, rico comerciante, o colocou na escola Ateneu Cearense. Era essa escola referência para a elite cearense. Teófilo foi um estudante de destaque na escola e demonstrava aptidão poética desde aquela época. No entanto, a sobrecarga de função e dos estudos o levou a reprovar no ingresso para o terceiro ano. Por essa razão seu padrinho se recusou a continuar a pagar seus estudos.

Passou então a viver com seu primo José Francisco da Silva Albano, futuro Barão de Aratanha, um rico comerciante. Na sua casa comercial Albano & Irmão empregou-se como caixeiro-vassoura. Além disso, após o expediente ainda trabalhava ocasionalmente como garçom nas festas da alta sociedade cearense.

Aos 18 anos se mudou para Recife com seu dinheiro guardado. Tinha como objetivo fazer as provas preparatórias para a Faculdade de Medicina da Bahia para o curso de Farmácia. Na capital pernambucana Teófilo teve contato com os princípios do materialismo-mecanicista, do positivismo e evolucionismo, conhecendo nomes como Comte, Kant, Darwin, Spencer, entre outros, despertando assim seu senso crítico em relação à realidade nacional. Desse modo Teófilo sintonizaria seu pensamento aos princípios do hankelianismo e spencerianismo, em detrimento do positivismo comtiano. Em 1872 passa no concurso de admissão para a faculdade e tem o curso financiado pelo governo. Nesse tempo conhece os preceitos da Medicina Social, o que claramente Teófilo aplica durante sua vida.

Diplomou-se farmacêutico em 1875 pela Faculdade de Medicina da Bahia e logo se mudou para o Ceará, terra que considerava natal. Presencia o período de modernização do Ceará, que em seus escritos mostra a forma contraditória dessa modernidade assolada pela seca, fome e epidemias. Em 1877 anuncia no jornal O Cearense, dando início as suas publicações de cunho jornalístico.

Essa época é o auge da grande seca no Ceará, financeiramente estabilizado Teófilo se dedica ao trabalho humanitário.

A partir de 1880 se envolve no movimento abolicionista cearense e ganha atenção, recebendo em 1883 a comenda do “Oficialato da Rosa” em homenagem aos relevantes serviços prestados “à humanidade”. Nesse mesmo ano publica seu primeiro livro História da Seca no Ceará. Nele registra, com o levantamento de documentos oficiais, o cenário de miséria e documenta com precisão a trajetória da varíola, peste bubônica e outras dificuldades das terras cearenses. O livro lhe rendeu prestígio e o convite para participar do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Assumiu magistério na Escola Normal e Liceu. Também produziu experiências científicas nas áreas de climatologia, mineralogia e botânica, Além de lançar livros de viés didáticos.

Enveredando rumo a intelectualidade literária se junta em 1886 ao Club Literário, proveniente do movimento abolicionista e dos antigos membros da Academia Francesa. O grupo pregava um discurso científicista e evolucionista. Acredita-se que nele Teófilo tenha aprimorado seu caráter naturalista e

regionalista. Desse modo, em 1890 lança seu primeiro romance *A fome*, sendo em grande parte documental explicitando as cenas da seca no Ceará no período de 1877-1880.

Em 1894 participa do Centro Literário, grupo que propagandeava o discurso nacionalista que a recente república precisava, mas no mesmo ano muda de grupo. Entra para a Padaria Espiritual, nessa agremiação ganha maior reconhecimento como intelectual literário. A Padaria Espiritual: [...] *optou por interpretar a realidade nacional de acordo com a realidade popular que compunha a nação brasileira. Em geral, elegera os modos de vida dos habitantes dos sertões e vilarejos como definidores do caráter nacional* (CARDOSO, op. cit. p. 23). Teófilo publica em 1895 “Os Brilhantes”. Nessa obra retrata o banditismo entre os clãs sertanejos, ousando fazer uma análise psicológica desses bandidos. Seu período como membro da Padaria foi de produção contínua de romances, em 1897 publica “Maria Rita”, uma história de amor entre Maria Rita, filha de um português e o jovem mestiço Joaquim de Queiróz, livro com intensos traços regionalistas. Em 1899 lança “O Paroara”, descrevendo a jornada de João das Neves, cearense que deixa sua terra e família atormentado pela seca e parte rumo a Amazônia em busca da riqueza das seringueiras. No mesmo ano publica a novela “Violação”, com caráter autobiográfico registra a epidemia de cólera-morbo em uma das vilas do litoral do Ceará em 1862. Após isso se afasta da liderança da Padaria.

Em 1890 inicia uma campanha intensa de vacinação contra a varíola por conta própria. Produz com a ajuda de sua esposa e criado a vacina e sai vacinando as pessoas na periferia de Fortaleza e cidades vizinhas. Em 1901 lança o livro “Secas do Ceará” (segunda metade do Século XIX), onde critica duramente os governos cearenses pela ineficiência e omissão diante a sua população, o que não foi bem recebido pelo governo Accioly. Em 1904 fundou a Liga Cearense Contra a Varíola. No ano seguinte lançou “Varíola e vacinação no Ceará”, como uma forma de defesa contra os ataques vindos do governo, onde explicita sua jornada pessoal de combate à epidemia.

Em 1913 recupera sua produção poética, publicando “Lira Rústica e Telesias”, editadas em Portugal. No primeiro livro busca descrever a vida do cearense tanto da capital quanto do interior. Em Telesias, além do caráter

autobiográfico coloca suas influências científicas, pessimistas, melancólicas, agnósticas e estóicas.

Em 1914 Teófilo lança “Libertação do Ceará”, obra de cunho historiográfico, onde relata de forma polêmica a queda da oligarquia Accioly. Volta a lançar livro em 1919 quando publica “Cenas e tipos”, com textos em forma de crônicas, ensaios, contos e memórias. Nele denuncia o vício em jogo, a escravidão, a corrupção e o abandono do Estado em relação aos retirantes. Estabelecido como intelectual cearense, em 1922 lançou 3 livros. “História da seca no Ceará”, onde explana historiograficamente as secas de 1877-1880, 1915 e 1919. “A sedição de Juazeiro”, relatando quem foi o Padre Cícero Romão Batista e sua luta, uma revolta armada conduzida por ele e Floro Bartolomeu, de viés político e religioso contra o governador Franco Rabelo e as forças federais. Também o “Reino de Kiato”, um romance de ficção científica, descrevendo uma sociedade onde a fraternidade humana é exaltada.

Em 1924, aos 71 anos, em estado de plena lucidez, lança o livro “Os meus Zóilos”, como uma forma de resposta às críticas recebidas durante toda a sua vida. Em 1927 publica “O caixeiro”, descrevendo suas memórias da época de caixeiro na empresa de seu primo. Essa foi sua última publicação de livro, depois publicou apenas breves artigos, periódicos e concedeu entrevistas. Faleceu no dia 2 de julho de 1932, aos 79 anos.

Primeiro Ciclo da Borracha

Não há um consenso sobre o período em que ocorreu o Primeiro Ciclo da Borracha. Segundo Roberto Santos a borracha brasileira já era extraída para exportação internacional desde 1800 em forma de artefatos, exportação acentuada em 1820 com os calçados de borracha (1980, p. 51). O ciclo teve seu fim com a significativa baixa do valor da borracha em vista à concorrência asiática em meados de 1920, o auge desse ciclo foi entre 1879 e 1912. No século XVI Charles Marie La Condamine, astrônomo e explorador francês, noticia à Academia de Ciências de Paris a existência e as propriedades da goma elástica. François Fresneau, cientista botânico também francês, decide pesquisar mais sobre a seringueira.

Pouco antes de eclodir a 2ª Revolução Industrial (1850-1945) Charles Goodyear iniciou a dar aplicabilidade ao produto, ao inventar o processo de vulcanização para a produção da borracha à base de enxofre e calor (1839). Aprimoramentos posteriores fizeram crescer a utilização do produto em vários ramos industriais. Dessa forma, o fornecimento da borracha Amazônica ao mercado internacional passou de produto manufaturado a matéria prima de grande aplicação industrial. Com o despertar do interesse pela riqueza trazida pela goma elástica iniciou uma série de expedições aos rios amazônicos na segunda metade do século XIX. A maioria dessas expedições concentrou-se nos rios Purus, Juruá e Acre, ou seja, os rios da região acreana. Estima-se que no final do século XIX já havia cerca de 400 seringais no vale do rio Purus e 100 no Vale do rio Acre (TOCANTINS, 1979) e a borracha já era o segundo produto mais exportado do Brasil, atrás apenas do café (TAUNAY, 1941).

Durante o auge da mercantilização da borracha brasileira, os níveis de extração e produção gumífera no Norte foram gigantescos. No território acreano a diversidade produtiva não era tão grande, sendo sua renda quase que exclusivamente fruto da borracha, mesmo assim a receita acreana chega a igualar à paraense e ultrapassar a de Amazonas em 1910. Isso demonstra que mesmo sendo um território consideravelmente menor a exploração gumífera era intensa. Com o início do declínio da borracha brasileira em 1911 todas as rendas diminuem, mas a acreana é a que mais decresceu, tendo em vista justamente essa falta de diversidade na sua produção econômica. Ainda há uma pequena reação no período da Primeira Guerra Mundial, quando a demanda pela borracha beneficiou os produtores brasileiros. Passado esse evento não houve mais aumento da renda gerada pela borracha até a Segunda Guerra Mundial.

Qual foi a mão de obra utilizada para extrair o látex o suficiente para que em 1892 o Brasil produzisse 61% da borracha mundial (PRADO; CAPELATO, 1977)? No início do processo a mão de obra indígena foi majoritariamente explorada (SANTOS, 1980, p. 62). Além deles, havia os poucos habitantes da região no início da segunda metade do século XIX, os caboclos. Até que com o claro aumento da demanda por mais e mais borracha a mão de obra local se tornou insuficiente. Desse modo, alguns arregimentadores de mão de obra, conhecidos como “gatos” passaram a ser contratados por empresários e

fazendeiros para aliciar homens para o corte da seringa. Essas posições de trabalho funcionavam, segundo a concepção moderna, em regime análogo ao escravo, caracterizado como escravidão por dívida, o sistema de aviamento. Desde colônia esse sistema já existia, e se caracteriza pelo fornecimento, por parte da empresa ou fazendeiro, de suprimentos para a atividade extrativista em troca do produto físico recolhido, uma espécie de escambo mais evoluído. Havia preço estabelecido do que era fornecido pelo aviador e deveria ser pago pelo valor da produção desse extrativista. Caso não fosse pago, esse trabalhador ficava em dívida e deveria produzir mais para continuar recebendo os mantimentos e pagar a dívida, o que por fim se tornava uma bola de neve.

No Ciclo da Borracha esse sistema tinha uma organização em cadeia. O seringueiro recebia os suprimentos do aviador de segunda linha (os seringalistas) com considerável taxa de juros extras. Esse aviador por sua vez também recebia esses produtos de um aviador de primeira linha (as empresas que forneciam esses bens de consumo e ferramentas para extração) que aplicava juros ainda mais altos, dado o nível de produção de cada seringal. Por fim esse repasse chegava às casas aviadoras e exportadoras, responsáveis pela circulação internacional da borracha. Com o surgimento das casas aviadoras a figura do regatão se tornou marginalizada. Era o regatão quem permutava de forma clandestina com o seringueiro todos os tipos de produtos, quebrando a cadeia do aviamento. Geralmente esses regatões eram: estrangeiros como árabes, turcos, sírios, libaneses e etc.

A partir de 1877, em razão de uma sucessão de secas, muitos nordestinos deixaram sua terra natal indo para uma região que desconheciam quase que completamente, especialmente os cearenses. O historiador Roberto Santos aponta alguns motivos para a predominância da migração nordestina para o norte:

- a. a seca devastadora que assolou o Nordeste entre 1877 e 1880 e drenou a vida, além da terra e dos animais, de um número de pessoas que varia entre 200 e 500 mil;
- b. o sentimento ilusório de não só melhoria de vida como também enriquecimento fácil pregado pelas casas aviadoras e seringalistas em busca de mão de obra;

- c. a propaganda e arregimentação realizadas por prepostos de seringalistas do Pará e do Amazonas em Fortaleza, Recife e Natal, atraindo os nordestinos para o trabalho nos seringais;
- d. os subsídios que os governos do Pará e Amazonas concediam ao transporte de imigrantes em vista dos programas de colonização agrícola, que visavam diretamente à migração para as zonas extratoras de borracha.

Por fim, pelo fato de estarem acostumados a viver de sua pequena propriedade privada e autônoma, esses homens não tinham interesse em trabalhar nos cafezais do centro-sul do país. Neles, não seriam donos nem da terra e nem da produção. Já nos seringais, o seringueiro operaria como empreiteiro de si mesmo, pois apesar da terra não lhe pertencer a produção o pertencia.

Estima-se que cerca de meio milhão de nordestinos migraram para o Norte do país entre o final do século XIX e início do século XX (FURTADO, 1980, p. 131), fornecendo assim mão de obra para a alta demanda de produção. Para o historiador Leandro Tocantins, a direção e trafegabilidade dos rios Purus e Juruá, a abundância de seringueiras e a terra desocupada contribuíram para a ocupação “anárquica” do solo que se tornaria acreano (1979, pp. 132-133). De pronto esse nordestino teve que lidar com a mudança climática brusca. Antes acostumado com clima desértico, agora precisa se adaptar à umidade excessiva da floresta amazônica. Nas regiões onde existiam os seringais precisa também largar velhos costumes, como a agricultura de subsistência, uma vez que eram proibidos de plantar, pois o alimento deveria provir apenas do aviador. Mesmo com essas imposições amavam a “liberdade” do trabalho nos seringais. Muitos, porém, eram presos às dívidas e à floresta. O desgaste emocional e psicológico também se fez presente em muitos seringueiros, pois o isolamento e a saudade da família, instituição muito valorizada por eles, levou muitos ao estado de profunda tristeza. Pouquíssimos eram os que levavam consigo suas esposas e filhos, pois não tinham a intenção de estabelecer suas vidas naquele território, apenas juntar dinheiro o suficiente e excedente para retornar para casa. Apesar de passarem anos morando na Amazônia sempre defenderam seu regionalismo se identificando como cearenses, maranhenses e etc. e não acreanos, paraenses ou amazonenses.

O funcionamento dos seringais organizava-se sob severa hierarquia. No topo o seringalista, dono do seringal, homem de pulso forte e por muitas vezes tirano, usando da tortura para castigar seus fregueses, no seringal a sua palavra era a lei. Em seguida o gerente, conhecedor de todo o seringal e seu funcionamento, braço direito do seringalista e na sua ausência tinha total autoridade sobre o seringal. O guarda-livros, contador do seringal, responsável por anotar as transações financeiras de todos os tipos, sem formação técnica, mas com experiência de trabalho em casas aviadoras, anotava todos os aviamentos do seringal. O caixeiro, responsável pelo armazém do barracão, peso, medidas, entrada e saída de produtos e o abastecimento dos “centros”. Os comboieiros, que lideravam por terra os comboios de burros transportando os víveres e utensílios para as estradas onde os seringueiros estavam estabelecidos. O mateiro, responsável por reconhecer a terra e suas espécies de flora e fauna, geralmente filhos da terra abriam as estradas com os toqueiros. Por fim o seringueiro, responsável pela extração e defumação do látex. Ao chegar ao seringal é ainda “brabo”, pois desconhece o território e as técnicas de extração e defumação. Após curto período de aprendizagem se torna “manso” e passa a desenvolver sozinho suas atividades.

O capital atraído e acumulado por esse gigantesco sistema econômico incluía Manaus e Belém no espírito europeu da Belle Époque. Expressão da euforia e do triunfo da sociedade burguesa no momento que se notabilizavam as conquistas materiais e tecnológicas, se ampliaram as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo antes isoladas. (DAOU, 2004, p. 7). Isso levou à urbanização dessas capitais de acordo com padrões europeus, recebendo Manaus o nome de “Paris das Selvas”. Tudo corria bem até que em 1913 o Brasil produziu 44 mil toneladas de borracha e o Oriente 48 mil (SANTOS, 1980). Como isso chegou a acontecer? Em 1871 a Royal Botanic Gardens de Kew, uma famosa instituição britânica de estudos na área de botânica, contratou o escocês Henry Alexander Wickham (1846-1928), para furtar mudas de seringueira no Brasil. A Inglaterra apostou na plantação nas suas colônias no sudeste asiático, das 70 mil mudas contrabandeadas 2,6 mil germinaram, e em quase 40 anos a produção ultrapassou a brasileira. Além das condições

climáticas favoráveis ao cultivo da *Hevea brasiliensis*, era mais vantajoso para a Inglaterra controlar e lucrar com a produção da borracha em suas próprias colônias. O declínio da borracha brasileira foi tanto que em 1913 ela chegou a ser vendida por U\$ 40,00 o quilo, que era vendido em seus tempos de ouro por U\$ 180 (SANTOS, 1980; SOUZA, 2002). Mesmo assim a borracha amazônica foi incapaz de concorrer com a borracha oriental. Desse modo, em meados de 1920 os seringais estavam praticamente abandonados e alguns seringalistas chegaram a cometer suicídio. Em 1925 93% da borracha consumida mundialmente era asiática (PRADO; CAPELATO, 1977). De acordo com Dante Fonseca o sistema de produção dos seringais era para o capitalismo e não essencialmente capitalista. Logo, é possível compreender o porquê da não sobrevivência do mesmo em face à forte concorrência, ademais. Argumenta-se ainda a falta de políticas públicas eficientes preservativas da economia da borracha. Desse modo chega ao fim o primeiro ciclo da borracha.

Gêneros literários no livro “O Paroara”

Como anteriormente exposto, o escritor Rodolfo Teófilo teve forte influenciadas escolas de literatura Naturalista, Regionalista e Realista em sua produção literária. No livro “O Paroara” analisado nessa pesquisa esses são os gêneros explícitos em sua escrita (VALE NETO, 2006; PINHEIRO, 2011). Mas, é necessário esclarecer o que cada uma dessas escolas propõe como forma de produção literária.

A literatura Naturalista teve origem na França na segunda metade do século XIX. Foi criada pelo jornalista, cronista e crítico de arte Émile-Édouard-Charles-Antoine Zola (1840-1902). Buscou expressar nessa nova escola literária as consequências sociais e econômicas da industrialização na burguesia e principalmente no proletariado. Intentou formular uma “literatura científica”. Para isso buscou em seus romances aproximá-los das ideias deterministas, da filosofia positivista, da prática experimental, na busca de apropriar na literatura o rigor do método científico, dos princípios da hereditariedade e da teoria da evolução de Darwin. Desse modo, em seus personagens retratava a conduta humana como determinada pela herança

genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente. O que mais destacou o Naturalismo foi a determinação do ser humano como uma [...] *máquina de reações mecânicas determinadas pelo meio, [...]e pelo momento histórico* [...] (CARVALHO, 2011, p. 9). Apresentava os personagens nas piores situações de forma detalhista, retratando todos os aspectos negativos do ser, sua irracionalidade em relação ao sexo, a morte, as tribulações da miséria e sua conseqüente degradação. Para Zola o Naturalismo seria um laboratório social, onde seria retratada a realidade de forma científica. A escola Naturalista viveu seu auge entre 1876 e 1884 na Europa, exigia de seus adeptos a impassibilidade e objetividade descritiva, narrando como terceira pessoa a fim de demonstrar sua imparcialidade como cientista. No Brasil o movimento naturalista chegou quase que instantaneamente, é atribuído ao maranhense Aluizio de Azevedo (1857-1913) o primeiro romance naturalista em “O Mulato”, de 1881. A Academia Francesa, agremiação literária cearense de 1872 foi uma das principais precursoras das ideias naturalistas no Ceará e no Brasil. Foi nessa agremiação que Rodolfo Teófilo teve seu primeiro contato com a estética naturalista. Além de Aluizio de Azevedo e Rodolfo Teófilo, são considerados grandes escritores naturalistas brasileiros Inglês de Souza (1853-1918), Adolfo Caminha (1867-1897) e Raul Pompéia (1863-1895).

Definir o regionalismo já não é tão direto, pois há uma série de divergências sobre o conceito. Para Vicentini (2007) o conceito de regionalismo para a ficção brasileira está vinculado à descrição das regiões e dos costumes de determinada localidade que hoje parece se consubstanciar pela parêntese interior/capital. Já Coutinho (1986) usa o conceito de regionalismo emprestando-o de George Stewart (1948). Este escritor aponta duas possibilidades de verificação do regional. Na primeira, a região é tomada somente como pano de fundo para outros dramas escolhidos a serem retratados pelos escritores. Enfim, a matéria ficcional é composta pelos sentimentos e aflições, o ser no mundo que cada pessoa assume, sem dar atenção acentuada as características físicas da região. Na segunda, o local é usado em sentido estrito. As histórias são narradas em uma dada região e a matéria ficcional é o natural desse lugar: rios, florestas, clima. Esses elementos naturais determinam o viver de seus habitantes e, por conseguinte, a forma de narrar dos escritores.

Porém, entre os teóricos Candido (1989), Chiappini (1994) e Coutinho, (1986) há a concordância de que, no geral, para os estudos regionais, a obra literária retrata peculiaridades locais, marcadas por meio de uma ambientação própria, cujas temáticas giram em torno do histórico, dos mitos, dos contos, das lendas, dos costumes e do folclore.

Há sempre a preocupação de descrever de forma verossímil a região representada, buscando ser detalhista e documental, pois se não há semelhança pode não haver reconhecimento identitário daquele que é dessa determinada região, deixando de ser regionalista. Na narrativa os aspectos como a linguagem da região, a fauna, a flora, os ofícios, os espaços, os comportamentos, as roupas, as situações, os climas, o jeito de ser, os problemas regionais (a seca e a migração para a Amazônia), as crenças, o universo ideológico e etc. pretendem-se que sejam todos verificáveis. Chiappini (1994) vê no regionalismo uma categoria crítica que tem objetivo explicar também as ideologias políticas, geográficas ou sociais de seu tempo, de modo a refletir na sua narrativa a história “total” daquela região. Ficou marcado o destaque às questões que giram em torno das mazelas sociais, sendo em consonância com o naturalismo uma crítica as políticas públicas inexistentes para esse público.

Observa-se que o principal tema da literatura regionalista tem sido o mundo rural, interior do qual o ser sertanejo, gaúcho, caboclo faz parte. Tendo os escritores dessa corrente tomado o espírito nacionalista a representação do mundo rural passou a ser um tanto ufanista, mas sem deixar de lado traços naturalistas e realistas.

Há variações também na definição da origem da literatura regionalista brasileira, Albertina Vicentini (2008) aponta que na carta de Pero Vaz de Caminha já tem traços marcantes como à descrição da região. A mesma indica também que as primeiras manifestações literárias especificamente regionalistas tomam forma sertanista e árcade romântica no final do século XVIII e meados do século XIX, com os sonetos de Cláudio Manoel da Costa (1729-1789) e expressões românticas de Alfredo de Taunay (1843-1899) e José de Alencar (1829-1877) e ainda no movimento literário do Romantismo. Mas para ela, a consolidação como gênero literário se deu no final do século XIX com o mineiro Afonso Arinos (1868-1916), entrando século XX com o gaúcho Simões Lopes

Neto (1865-1916), os paulistas Valdomiro Silveira (1873-1941) e Monteiro Lobato (1882-1948) e o goiano Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921).

Antônio Candido (1975) identifica a origem das produções mais características da literatura regionalista brasileira nos ciclos do Nordeste. Para ele a natureza do regionalismo na formação da literatura brasileira se dá de um lado, por ser um importante fator no processo de autonomia literária brasileira, visto a emergência da criação de uma representação coerente até então inexistente; de outro, pela sustentação de uma tendência realista na prosa literária tentando assim se consolidar de forma independente das determinações românticas. Esse processo se estenderia até a década de 30, década a qual também é atribuída o início do movimento regionalista, tendo em vista a grande produção com o início do movimento modernista. Os nomes mais marcantes dessa geração foram Raquel de Queiroz (1910-2003), José Américo de Almeida (1887-1980), Graciliano Ramos (1892-1953), José Lins Rego (1901-1957) e Jorge Amado (1912-2001). Vê-se que os grandes nomes citados do regionalismo a partir do fim da República Velha são nordestinos.

O Realismo tomou forma como doutrina estética na França por volta de 1850 e teve sua hegemonia literária no Brasil, segundo Antônio Amora (1977, p. 109), entre 1868 e 1893. Alfredo Bosi (1994, p. 167) aponta que a visão realista já aparece nos poemas de Silvio Romero (1851-1914), Carvalho Jr. (1859-1929), Fontoura Xavier (1856-1922), Valentim Magalhães (1859-1903) e outros poetas “menores”.

Buscava expressar em sua narrativa uma visão estética da Natureza, do Homem, da Humanidade e da História segundo influência materialista, evolucionista e positivista assim como o Naturalismo. Suas características são a preocupação com:

1. a análise e o recorte nítido da realidade, com clareza, equilíbrio e harmonia de composição;
2. a propriedade da escrita, correção gramatical, harmonia e, no que respeita o verso, perfeição formal ou exigente técnica poemática; oposição à exaltação sentimental e aos abusos da imaginação praticadas pelos românticos;

3. a observação e a análise exigentes do objeto de estudo, o personagem, seu tipo físico, sua psicologia, sua vida, seu drama e o “meio” natural e social que a condicionava;
4. a expressão de uma verdade ficcional não apenas verossímil, mas verdadeira para o mais exigente espírito crítico;
5. a busca, na realidade, dos seus elementos essenciais, universais, mas particularmente busca de um perene humano no drama da existência;
6. a rigorosa lógica no relacionamento de todos os elementos do drama exposto pelo escritor, entre as causas determinantes do comportamento das personagens e a natureza desse comportamento.

A intenção realista é de descrever o indivíduo concreto e seu caráter pessoal, expondo o típico e factual, narrando os costumes contemporâneos, buscando um conhecimento mais profundo da realidade brasileira. Seus principais representantes foram Machado de Assis (1839-1908), Raul Pompéia (1863-1895) e Aluísio de Azevedo (1857-1913).

Considerações finais

Realizado o devido levantamento sobre a vida de Rodolfo Teófilo, o contexto histórico sobre qual escreveu e os gêneros literários cuja lente utiliza em sua escrita, é possível então fazer a análise comparativa do livro “O Paroara” com a historiografia acerca da narrativa da obra. Embora o romance tenha sido escrito sob a perspectiva cearense, fica claro que a história se concentra no ciclo da borracha. O próprio nome da obra representa essencialmente aquele nordestino que migrou para a Amazônia. Sintomaticamente, o personagem principal, um cearense, migra para o Acre, área para onde se dirigiu grande parte dos retirantes cearenses. No desenvolvimento da narrativa o personagem principal também é atraído para Acre, local onde se passa a maior parte da história. Desse modo, é justo que a análise comparativa se atenha as passagens que representam essa saga de ida para a Região Amazônica em busca da riqueza das seringueiras.

Logo no segundo capítulo do livro Teófilo narra como a seca cearense de 1877 levou os pais e irmãos de João das Neves e muitas outras pessoas em

navios lotados para a Amazônia *Nesta esperança estava com muitos outros, quando a um signal de bordo a lancha se afasta do paquete, fecham-se os portalós, suspende-se a ancora, o navio aprôa para o norte segue* (1899, p. 16), Roberto Santos aponta que a estiagem de 1877 foi a principal propulsora da entrada de grandes contingentes de nordestinos na Amazônia para trabalhar com a exploração das seringueiras (1980, p. 98). Partindo de 1887 o autor relata a vida de João das Neves, após casar e ter filhos uma seca inesperada destrói toda a sua plantação e lhe despe de esperanças, até que chega a cidade “O Paroara” José Simão:

Em um desses passeios a novidade que encontrou, a ponto de alarmar a freguezia inteira, foi a chegada d’“O Paroara” José Simão.

Elle o viu na igreja na ocasião da missa e não o teria reconhecido si não lhe dissessem. Nada parecia com o retirantesinho magro e maltrapilho que embarcou na secca de 77 para o Amazonas. Agora estava um caboclo entruncado e bem vestido como um homem de respeito (1899, p. 192)

Teófilo define, como “O Paroara”, o cearense que emigra para a Amazônia e volta depois ao Ceará, podendo voltar tanto rico quanto pobre (para Benchimol, paroara é o que se radicou na Amazônia). Esse em questão é o que após muitos anos consegue juntar certa riqueza, obtém um cargo de confiança de um seringalista e passa a arregimentar pobres trabalhadores, os ilude com a promessa de riqueza abundante da borracha e os convence a ir para a Amazônia. Há também os que são contratados exclusivamente para esse serviço de arregimentação. Essa figura é conhecida por diferentes nomenclaturas como “gatos” ou “arregimentadores”, mas independente do nome teve sua devida importância no recrutamento de homens para o trabalho extrativista amazônico (SANTOS, 1980, p. 108). José Simão com uma generosa festa convence João das Neves e vários outros homens a ir trabalhar nos seringais. Com um sentimento de ingratidão pela própria terra e ilusão de contrair riqueza facilmente do próprio trabalho, ele avisa a esposa que irá com José. Chiquinha não recebe bem a notícia e indaga porque não ir a família toda:

-E porque não se vai todos nós, João ?

-Porque mulher não entra lá assim. Primeiro eu vou fazer conhecimento com as gentes, ganho dinheiro, faço casa e volto para levar voceis. Disse o José Simão, que eu, cabra atirado como sou, em roda de um anno posso ficar meio rico e com posses para vir buscar a família. (1899, p. 217)

Os arregimentadores aconselhavam a não levar a família como uma forma de não fixá-los a terra. Não somente, os próprios homens que iam para os seringais não pretendiam morar definitivamente lá, somente amealhar dinheiro o suficiente para voltar para casa e prover sua família. Além disso, a figura feminina nos seringais pouco se caracteriza como esposa e/ou seringueira, grande parte vivia da prostituição. Tendo em vista a pouca quantidade de mulheres nas regiões dos seringais e o alto nível de solidão dos seringueiros, era com elas que gastavam o pouco de dinheiro que ganhavam. O nordestino só passa a levar a família em casos de seca extrema como a de 1899. Em 1900 das 15.773 pessoas que imigraram à custa do governo federal 9.477 era de famílias constituídas, mesmo assim eram poucos os que arriscavam (BENCHIMOL, 1992, cap. 1.3).

O narrador traça a rota fluvial de Manaus para o Acre com precisão. O navio partiu pelo Rio Negro e entre paradas para carregamento e descarregamento de pessoas e mercadorias, seguiu até o Rio Solimões. Adentrou o rio Purus até finalmente chegar ao Acre. Teófilo apresenta o destino da maioria dos nordestinos que foram para o norte e onde se instalou um alto número de seringais (TOCANTINS, 1979).

José Simão exercendo a função de guarda livros, aquele responsável por todas as transações financeiras do barracão, na presença também do caixeiro, aquele responsável pelo armazém, faz as contas da dívida já existente de cada um dos novos seringueiros, apresentado dessa maneira:

José Simão sacou o seu caderno de notas e começou a operação. O primeiro inscripto foi João das Neves, cujo titulo se abria com um debito de oito cento e tantos mil réis até aquella data. Esta quantia representava todas as despezas de viagem aggravadas com 50% em favor do barracão e mais a commissão de cincoenta mil reis a José Simão. (...) Concluidas as contas, o dono do barracão ordenou ao caxeiro que aviasse os freguezes com viveres para um mez, os aprestos necessarios á extracção e preparação da borracha, utensílios para cozinha, roupas, armas, munições, e que antes de noite fornecesse a cada um o

indispensavel mosquiteiro, e redes aos que tinham ficado sem ellas no porto do Ceará. (1899, p. 293)

É explicito nessa passagem o quanto o sistema de aviamento era análogo à escravidão. Antes mesmo de começar a trabalhar, o novo seringueiro já devia não só o traslado, mas também os suprimentos e ferramentas de trabalho. O nível de produção para pagar essa dívida e gerar lucro deveria ser alto e muitos não conseguiam alcançá-lo. Há também casos de meros seringueiros que ficaram extremamente ricos. É importante notar que quanto mais o seringueiro produzia mais o seringalista lucrava, pois, o produto do trabalho do seringueiro era destinado ao pagamento das dívidas e manutenção de suprimentos. Já essa produção para o seringalista era pesada e vendida às libras esterlinas, que na época ainda detinha a hegemonia cambial, revertendo-se assim em lucros exorbitantes.

É apresentado na narrativa um personagem boliviano chamado Salvatierra, definido como o corregedor, um subgerente, da barraca na qual João das Neves irá se instalar. Esse personagem representa a presença comum de bolivianos naquela área. À época da narrativa o Acre ainda era boliviano, esse território só passa a ser brasileiro, após uma série de conflitos, que resultam em 1903, através do Tratado de Petrópolis na anexação do Acre ao Brasil.

A relação dos seringueiros com os povos nativos é também fiel a realidade. Ferreira Reis elucida que mesmo sendo uma das primeiras mãos de obra para a extração do látex, o indígena no momento que “perdeu a utilidade” para essa economia e se tornou um empecilho ao habitar regiões abundantes de *Hevea brasiliensis*. Foi taxado como inimigo direto da produção gumífera, sendo muitos expulsos violentamente de suas terras. Essa mentalidade refletiu nos seringueiros, que viam os indígenas apenas como ameaça, tendo em vista os frequentes ataques que sofriam. O embate entre seringueiros, que apenas queriam acumular uma quantidade significativa de dinheiro, e indígenas, que reivindicavam suas terras, resultou na inevitável expulsão desses últimos com violência (1953, cap. 23). Na narrativa de Teófilo o conflito é assim descrito:

Era um aviso dos selvagens, que despresado daria em resultado as scenas trágicas de que fora testemunha no rio Juruá. A

evocação dessas reminiscências cada vez mais o desalentava. Fôra três dias depois de um aviso semelhante diariamente repetido no mesmo lugar da estrada, que os parintintins atacaram a barraca em que elle morava com alguns companheiros. Nunca mais esquecera a fereza dos selvagens e sua ousadia. (1899, p. 324)

Todo o processo de apresentação dos personagens a vida nos seringais é descrito detalhadamente. Desde o que recebem para comer, as ferramentas usadas na exploração da seringueira, o nome e como manusear cada um deles, como fazer o corte na arvore, como armazenar o leite, o processo de defumação é exposto em detalhes tendo um capítulo inteiro dedicado a essa função. O cotidiano do trabalho e da produção, o realismo da narrativa e sua convergência com a historiografia é impressionante para uma pessoa que nunca foi a um seringal como o autor.

As doenças há muito já assolavam a região amazônica, desde o século XVII há relatos de varíola e outras doenças. Atribuía-se a inserção desses vírus na região a partir do contato com as populações africanas e europeias. A situação geográfica acabou influenciando na propagação das doenças, tendo em vista a constante umidade e processo de alagamento e escoamento da água nos igapós e igarapés, criando um ambiente favorável à proliferação de vírus e bactérias. Aliado a isso, a desinformação da população amazônica e falta de médicos acarretaram a ocorrência de epidemias. Com o advento do ciclo da borracha e a chegada dos nordestinos que já eram flagelados pelas secas e pela fome a epidemia foi inevitável. Muitos seringueiros morreram de malária ou contraíram a doença e não conseguiram se curar em curto prazo. Na narrativa de Teófilo, João das Neves adquire malária e passa todo o período de 2 anos em que ficou no seringal doente:

Elle que nunca tivera preguiça, que os trabalhos, ainda os mais pesados, nunca o atemorizaram, agora se quebrantava por tudo. As arreações, que em começo fazia sem fadiga, agora cançavam bastante. Na defumadura da borracha é que notava como estava enfraquecido; não era o mesmo homem. Já não podia manobrar o cavador, mesmo secco, sem ser no guindaste. Ainda assim o movimento continuo dos braços fazia-lhe doer muito a passarinha que, arqueada, fora das arcas, esticava tanto a pelle que a fazia lustrosa. (...) A sua ignorância não era tamanha que o fizesse desconhecer o estado pathologico de seu organismo. (1899, p. 385-386)

O seu sofrimento apresentado de forma impactante aos moldes do realismo busca apresentar o desgaste psicológico e físico dos seringueiros durante o tempo isolados nos seringais.

Após os dois anos no seringal João das Neves consegue dinheiro o suficiente para voltar para casa no ano de 1899, data de publicação da obra. Nesse mesmo ano uma seca assolou o Ceará, matando muitas famílias, na narrativa a família de João das Neves é uma delas, em um dramático reencontro onde encontra Chiquinha em seu leito de morte ela profere suas últimas palavras dizendo que todos os filhos morreram de fome.

Destarte, a história e ficção se entrelaçam para narrar como foi o primeiro ciclo da borracha para um retirante cearense.

Fontes Consultadas

- AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1977
- BATISTA, Djalma. *Letras da Amazônia*. 1. ed. Manaus: Livraria Palácio Real, 1938.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 3, junho/2010.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAS, Jean Le. *Fundamentos de Ciencia y Tecnología del Caucho*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1960.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985.
- CARVALHO, Rodrigo Janon. Émile Zola e o naturalismo literário. *Revista Urutágua – acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM*. nº 24 – maio/junho/julho/agosto de 2011. ISSN 1519-6178.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004.

- DUBY, Georges. Problemas e Métodos em História Cultural in *Idade Média, Idade dos Homens, do Amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.125-130.
- FEITOSA, Orange Matos; SAES, Alexandre Macchione. O plano de defesa da borracha: entre o desenvolvimentismo e a negligência política ao Norte do Brasil, 1900-1915. *Am. Lat. Hist. Econ.* vol.20 no.3 México sep. /dic. 2013.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 17. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990.
- LEANDRO, Rafael Voigt. *Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia*. 2014. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutor em Literatura Brasileira.
- LIRA NETO. *O poder e a peste*. A vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.
- MARTINS, Letícia Lustosa. *Varíola em Fortaleza: marcas profundas de uma experiência dolorosa (1877-1881)*, (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012.
- PELINSER, André Tessaro. *Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro: uma perspectiva de estudo*. ANTARES, nº4 – Jul/Dez 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PINHEIRO, Charles Ribeiro. *O narrador de si: tensões entre vida e escrita em varíola e vacinação no Ceará, de Rodolfo Teófilo*. *XI Encontro Regional Nordeste de História Oral: Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita*. Fortaleza. 2017.
- PINHEIRO, Charles Ribeiro. *Rodolpho Theophilo: a construção de um romancista*. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2011.
- PONTES, Carlos José de Farias. *O Primeiro Ciclo da Borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso*. Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre - Vol.1, n.1, pág. 107-123, 2014.
- PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A Borracha na Economia Brasileira da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 2. ed. SP: Difel, 1977. Tomo III, Vol. 1.
- RANCY, Cleusa Maria Damo. *Raízes do Acre (1870-1912)*. Rio Branco. M. M. Paim Repr. e Com., 1992.
- REGIONALISMO LITERÁRIO EM FOCO. *Revista Decifrar* (ISSN 2318-2229) Manaus/AM Vol. 02, no 01 (Jul/Dez-2013) Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O Seringal e o Seringueiro*. Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro, 1953.

RODOLPHO, Teophilo. *Historia da Secca do Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1880-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz. 1980.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. *História do Acre*. 1. ed. Rio Branco-Acre: M.M. Paim, 1992. v. 1. 103 p.

SOUZA, Maria Luiza Germano de. Variações sobre o mesmo tema”: regionalismo literário em foco. *Revista Decifrar* (ISSN 2318-2229) Manaus/AM Vol. 02, nº 01 (Jul/Dez-2013) Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM.

TAUNAY, Afonso de E. *História do Café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1941.

THEOPHILO, Rodolpho. “*O Paroara*”. Bibliotheca da Padaria Espiritual, 4º. Milheiro. Ceará: Typographia Moderna a vapor, Louis C. Cholowieeki, 1899.

TOCANTINS, Leandro. *Formação histórica do Acre*. Governo do Estado do Acre. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

VALE NETO, Isca Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. 2006. 217f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2006

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 2, jul./dez. 2007, p. 187-196.